

Norbert Elias e o idealismo alemão

Adrian Jitschin
Norbert Elias Foundation – NEF – Holanda
adrian.jitschin@norbert-elias.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma versão em língua portuguesa da conferência “Norbert Elias und der deutsche Idealismus”, ministrada pelo Prof. Dr. Adrian Jitschin no II Simpósio Processos Civilizadores na Panamazônia, ocorrido entre 9 e 11 de junho de 2021, em Manaus – AM. Buscando demonstrar como Norbert Elias adquiriu os conhecimentos que tornaram sua perspectiva sociológica possível, Jitschin historicizou o contexto alemão e da família de Elias em seus primeiros anos e juventude; sua participação na Primeira Guerra Mundial e os impactos dessa experiência; e suas principais influências acadêmicas no início de sua carreira intelectual, entre outros elementos significativos da trajetória de Elias.

Palavras-chave: Norbert Elias, processo civilizador, idealismo alemão.

Abstract

This paper presents a Portuguese language version of the “Norbert Elias und der deutsche Idealismus” conference, given by Prof. Dr. Adrian Jitschin at the II Civilizing Processes Symposium in Panamazônia, occurred between June 9 and 11, 2021, in Manaus – AM. Aiming to demonstrate how Norbert Elias acquired the knowledge that has made his sociological perspective possible, Jitschin historicized the German and Elias’ family context in his early years and youth; his participation in I World War and the impacts of that experience; and his main academic influences in the beginning of his intellectual career, among other significant elements of Elias’ trajectory.

Keywords: Norbert Elias, civilizing processes, German idealism.

Norbert Elias era da Alemanha, nascido em 1897. Pode parecer incomum para muitos ouvintes imaginá-lo como uma pessoa jovem ou mesmo como uma criança. Isto se deve a muitas razões relacionadas a nossos hábitos de pensamento. Imaginamos um homem sábio como uma autoridade que sabe como nos mostrar o caminho através de uma faculdade intelectual especial. Esta é uma capacidade evolutiva que é marcada para nós por nossa própria infância. As crianças aprendem cedo sobre a autoridade de seus pais. Somente numa idade posterior, as pessoas - e certamente não todas - percebem que seus pais também já foram filhos que, como eles, nasceram ignorantes e adquiriram seus conhecimentos somente no decorrer da vida através do intercâmbio com outras pessoas.

Minha palestra é sobre mostrar como o sábio Norbert Elias adquiriu seus conhecimentos. Para fazer isso, primeiramente é importante descrever o lugar e a hora em que seu pensamento começou. A Alemanha em 1897 era um país no auge de seu poder. A Alemanha como nação era algo inteiramente novo. Pode parecer incomum do

ponto de vista brasileiro, mas o Brasil é um Estado-nação muito mais antigo do que a Alemanha. O Estado alemão só havia surgido em 1871, menos de três décadas antes do nascimento de Norbert Elias. Ainda na infância do pai de Norbert Elias, não havia um Estado Alemão. No entanto, um Estado-Nação tão poderoso não surgiu do nada. Seguiu uma tradição de mais de mil anos. O continente europeu do século 19 pode ser pensado como um equilíbrio de grandes potências. Primeira e mais importante nação foi a França, depois houve os reinos da Espanha, Rússia e nas Ilhas Britânicas um Reino Unido. A grande área que ficava entre a França e a Rússia, por outro lado, não era dominada por uma nação comparativamente grande. Havia uma variedade de domínios, desde estados de vários milhões de habitantes até pequenos ducados de alguns milhares de habitantes. Entre os governantes da Alemanha, havia dois que detinham a supremacia entre si: estes eram os reis da Prússia e da Áustria. E foi finalmente o rei da Prússia que primeiro conseguiu forçar a Áustria à inatividade em uma guerra rápida. Depois alguns anos, em aliança com outros estados alemães, também derrotou a França. Em uma guerra rapidamente travada com base na superioridade da nova tecnologia militar e habilidade tática, a França foi derrotada em 1871. Esta guerra rápida e a posterior coroação do rei prussiano como imperador alemão marcou o início da Nação Alemã.

No entanto, a Alemanha já existia antes: como área linguística e como área cultural. Mesmo antes da Alemanha ser um único Estado, ela havia feito contribuições significativas. Figuras literárias como: Goethe, Schiller e Herder, artistas como Dürer, Bach ou Beethoven haviam contribuído para a identificação com a cultura alemã. E também no campo da filosofia, a Alemanha tinha produzido grandes homens como: Kant, Fichte e Hegel. Para eles, a pesquisa desenvolveu o termo idealismo alemão. Schopenhauer, Nietzsche, Husserl, Marx eram outros importantes pensadores alemães. Reduzir a Alemanha a seu papel político seria subestimar a importância de seu povo na formação de uma nação. A Alemanha foi primeiro uma nação sentida, depois um estado unificado. Em 1848 havia um parlamento no meio do país para o qual a população havia enviado delegados; o fato de a Alemanha enfim ter sido unificada militarmente correspondeu ao desejo tardio de uma grande parte do povo. Por último, mas não menos importante, a unificação do império sob a liderança prussiana preservou os direitos de autonomia de longo alcance dos Estados aliados; algo que caracteriza a separação de poderes alemã até hoje.

Então, qual a posição de Norbert Elias nesta unificação do império? Ele era prussiano. Temos documentos que mostram que seus ancestrais tinham a cidadania prussiana desde 1935. Seu pai, Hermann Elias, era um rico comerciante que tinha uma próspera loja de moda masculina em uma das maiores cidades. A família Elias havia se tornado rica no curto período desde que a Prússia havia conseguido unir o país. Eles estavam, portanto, entre os vencedores do processo de construção da nação alemã. Ao mesmo tempo, a família apresentava uma falha social crucial: não só não tinha capital antigo, não pertencia nem à aristocracia latifundiária, nem aos realizadores militares da nação - era também uma minoria religiosa. Os judeus constituíam menos de 1% da população; em grande parte da Alemanha, eles ainda eram excluídos pelos cristãos; houve pogroms¹ e perseguições nos séculos anteriores. A posição da família Elias era, portanto, ambiciosa. Por um lado, eles eram uma família de classe alta; por outro, seu status era baseado apenas na riqueza financeira, não na posição social; eles pertenciam a uma minoria religiosa que ainda era excluída em partes da população. Ainda jovem, Norbert Elias pode não ter sentido nada desta peculiaridade. A família o protegeu bem. Educadoras e professoras particulares o protegeram da maioria da população. Sabemos

¹ Pogrom é uma palavra de origem russa que significa algo como causar estragos e/ou destruir violentamente. Segundo a Enciclopédia do Holocausto, historicamente, o termo refere-se aos “violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países”. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms> [N. E.].

um pouco sobre esta criação, que foi fortemente orientada para uma idealização das contribuições culturais alemãs. A glorificação de figuras literárias de língua alemã, a alta estima por seus músicos e a admiração por grandes filósofos foram elementos determinantes. Desde cedo, o jovem Norbert Elias teve o desejo de se tornar um professor. Ele conheceu a tradição militar deste país em uma transfiguração idealizada. Assim anos depois, ele ainda pode cantar canções como: "Du Schwert an meiner Seite". As lições de história trataram das tribos germânicas, da saga Arminius e de outras transfigurações patrióticas como um ponto de partida. Eles serviram como pano de fundo para sugerir a continuidade de supostas virtudes prussianas desde a antiguidade: ousadia, coragem, fortaleza e vontade de liberdade foram escolhidos como modelos a seguir. O trabalho dos Teutões foi diferenciado do Império Romano, que aos olhos da época foi equiparado ao românico, o arqui-inimigo da França. Elias memorizou "Alarich, dem Gotenkönig", Rei dos Godos, impressa no livro escolar", que invocava "como seus fiéis guerreiros, derrotados e mortos em batalha, o enterraram no leito do rio Busento, cujas águas tinham desviado e depois voltaram a dirigir para que nenhum inimigo pudesse profanar seu cadáver":

E um refrão de homens cantou:
Durma em sua glória heroica!
Sem a ganância básica de um romano
Nunca mais te danificará a sepultura!"

Mesmo como um homem velho, ele poderia citar estes poemas textualmente de memória.

Foi assim a admiração pela cultura e a transfiguração dos militares que para Elias constituiu a natureza especial da nação alemã, com a qual ele deve ter se identificado sem restrições em sua juventude.

Mas depois houve uma ruptura. A Primeira Guerra Mundial "eclodiu", como é dito. Mas ela não "irrompeu" por si só, como faz um vulcão ou uma tempestade. As forças naturais soltam suas forças em grande parte sem a influência de nós, humanos. A Primeira Guerra Mundial foi, entre outras causas, o resultado da necessidade excessiva de reconhecimento da Prússia, o esforço para provar seu papel como a primeira potência no mundo em um conflito militar. A inocência com que muitos cidadãos alemães entraram nesta guerra dificilmente pode ser explicada: os jovens partiram na firme convicção de que uma semana depois teriam conquistado a capital da França; outros já estavam fazendo grandes planos para o próximo período, já que até lá o inimigo certamente teria sido derrotado. Elias tinha apenas dezessete anos de idade. Ele também confessou que não tinha "nenhum sentido do que significava a guerra". Sua preocupação com o início da guerra não era com a morte ou a fome, mas apenas se ele voltaria para a escola a tempo de seu local de férias. Ele conseguiu fazer isso. Uma vez na escola, o diretor deu um discurso patriótico aos alunos. Ele invocou a grandeza da nação que precisava ser defendida. "Não nos disseram que a Alemanha tinha começado a guerra", relata Elias, "nos disseram que estávamos sob ataque". Eu não entendia a ideologia, mas não tínhamos escolha". Muitos de seus colegas de classe se voluntariaram imediatamente. Elias ficou por mais alguns meses, mas quando a escola fechou, ele também teve que se alistar no exército.

Estou dando um salto. Os detalhes da experiência de como soldado de linha de frente de Elias não importam aqui. Mas o resultado após quatro anos. Voltou um homem claramente mais adulto do que antes, havia sobrevivido, mas viu muitos jovens de sua idade morrerem. No legado de Elias há um poema que diz o seguinte: "Sobre o túmulo de um soldado:

Se alguém perguntar por que escolhemos morrer, dizer-lhe que é porque nossos pais mentiram".

Elias ficou chocado e frustrado. Nem a casa nem a escola o haviam preparado para a realidade da guerra. Ficou claro para ele que as autorrepresentações da Alemanha unidas sob a Prússia e a realidade social eram dois assuntos muito diferentes. Assim, esta experiência crítica o levou a um distanciamento com uma parte do idealismo alemão. Elias amava a cultura alemã, mas a partir daí começou a questionar sua instrumentalização para os assuntos políticos. Nos anos após a Guerra Mundial, ele estudou filosofia. Há evidências de que ele leu escritos contemporâneos durante este período formativo para ele. Gostaria de escolher três deles a fim de traçar os caminhos em que seu pensamento se desenvolveu. O primeiro autor que ele leu foi Thomas Mann. Seus escritos sobre a Confissão de um Homem Despolitizado tratavam do contraste entre a cultura alemã e a civilização francesa. T. Mann, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1929, registrou que a guerra não foi apenas um choque de interesses políticos, mas acima de tudo um choque de diferentes conceitos de cultura. Tratava-se da "intervenção guerreira-categórica de Kant contra a liberalização total do mundo". A guerra da Alemanha, escreve Thomas Mann, foi o "maior surto da luta alemã contra o espírito do Ocidente". Na alma da Alemanha, disse ele, os antagonismos intelectuais da Europa estavam sendo jogados. Em suma, Mann afirmou a entrada da Alemanha na guerra, mas não para proteger os interesses políticos, mas os culturais. Em seguida, Elias se voltou para um trabalho de Ernst Robert Curtius, um professor de línguas românicas que se preocupava com os "pioneiros literários da nova França". Curtius descreveu como uma nova conquista cultural havia surgido na França nas décadas que precederam a guerra, uma conquista que diferia da Alemanha. Ao contrário de T. Mann, ele viu um "caminho muito estreito" de possível entendimento internacional "submerso no momento sob a maré alta nacionalista". O patriotismo alemão, argumentou Curtius, deveria contribuir não a um combate, mas de um reconhecimento distante da recente cultura francesa. O terceiro autor contemporâneo que Elias leu foi Max Weber. Em seu relato de "Parlamento e Governo em uma Alemanha recém-ordenada", Weber descreveu como a Alemanha deveria se reconstruir após perder a guerra. Para citar Weber: "Parece-me que nossa tarefa em nosso país é sobre tudo: cuidar para que os guerreiros que retornam encontrem a possibilidade de reconstrução, com a cédula nas mãos, através de seus representantes eleitos, aquela Alemanha cuja existência eles salvaram". Este pensamento foi simpático para o ex-soldado Elias; ele pôde se identificar com ela.

Vemos a partir desta seleção de escritos como o pensamento de Elias se reorientou. De pensadores que argumentavam a partir de um ideal de estatismo, ele se voltou para pensadores que adotaram uma abordagem que não sujasse o seu nome. Na pessoa de Max Weber, ele havia encontrado um dos primeiros sociólogos a argumentar como uma política baseada em princípios da razão deveria emergir. Pode-se ver como Elias, em sua busca por uma explicação do que havia vivido, foi conduzido em seu caminho intelectual próximo à geração fundadora da sociologia alemã.

Estou dando outro salto. Cinco anos mais tarde, Elias havia completado seu doutorado em filosofia. O desenvolvimento político da Alemanha não tinha acompanhado as propostas de Curtius e Weber. Não houve reconciliação com a França, não houve reconhecimento mútuo das contribuições culturais significativas de ambos os países. Internamente, também não houve envolvimento nas decisões políticas dos jovens soldados da linha de frente que haviam arriscado suas vidas pela nação. Em vez disso, o país experimentou uma restauração das elites reacionárias e um desprestígio de todas as coisas francesas. Além disso, o antissemitismo desempenhou um papel crescente. Os judeus - uma comunidade religiosa com menos de 1% da população - foram acusados, juntamente com outras minorias, de perder a guerra. A falta de apoio da pátria teria

levado a Alemanha à derrota na guerra. Para Elias, que havia estado na guerra, esta acusação era particularmente desconcertante. Nesta situação, ele decidiu continuar seus estudos com o irmão de Max Weber. Enquanto Max Weber tinha morrido nesse meio tempo, Alfred Weber tinha se tornado professor de sociologia na Universidade de Heidelberg. Junto com a viúva de Max Weber, ele dirigia um salão acadêmico onde se cultivava uma bolsa de estudos para novas ciências. Elias foi a este círculo para aprender mais sobre sociologia cultural. Dois escritos de Elias sobrevivem a partir deste momento com Alfred Weber. Ambos mostram que Elias, o sociólogo iniciante, não estava preocupado com os contextos políticos ou modelos racionais normativos de Estado, mas com uma compreensão dos contextos civilizacionais. Um desses escritos é um esboço do surgimento das ciências naturais. Ele trata de como homens como Galileu e da Vinci conseguiram, pela primeira vez, buscar o pensamento científico. Elias descreve a figuração particular das cidades-estado italianas e sua situação competitiva, o que tornou necessário que os cientistas fossem usados "ao serviço dos fins humanos". Da especialização em formas geométricas e do curso dos movimentos, foram derivadas doutrinas gerais que lançaram as bases da ciência sistemática em gerações posteriores. O segundo artigo que Elias escreveu durante seu tempo com Alfred Weber foi um ensaio sobre o crescente antissemitismo. Elias investigou que atitude os judeus poderiam tomar em relação aos preconceitos crescentes em relação a eles. Ele analisou que havia apenas duas formas: ou uma atitude clássica de vítima judia ou, como alternativa, uma atitude sociológica moderna. Este último foi o melhor. Ele vê o antissemitismo sob a perspectiva de um aumento e diminuição dos conflitos políticos dentro da sociedade, que não devem ser levados para o lado pessoal.

Este antissemitismo logo depois foi declarado pelo governo alemão como a visão oficial do Estado. Elias foi para o exílio na Grã-Bretanha. Ele só retornou muitos anos depois. O que distinguiu Elias da maioria dos outros exilados alemães foi que, como sociólogo, ele já havia entendido antes do exílio a considerar o menosprezo pela pátria não como uma vitória pessoal, mas como uma forma de alívio psicológico grupal. Mesmo nos últimos anos antes de deixar a Alemanha, ele leu intensivamente os escritos de uma nova ciência: a psicologia. Sigmund Freud estava no auge de sua fama, e novas estrelas psicológicas como Max Wertheimer, Wilhelm Reich e Alfred Adler estavam publicando suas descobertas em alemão durante estes anos. Qual de suas obras ele tomou nota não é claro para cada autor, mas há inúmeras indicações que mostram que Elias não estudou apenas os escritos mais importantes. "Totem e Tabu" ou "O Ego e o Id" de Freud ele certamente conhecia. Já na primeira edição de seu "Processo de Civilização", ele agradeceu explicitamente a Freud, observando que lhe tinha uma dívida infinita, mesmo que ele não deixasse isso claro em todos os pontos do trabalho. Em uma troca com seu editor, Elias discutiu se eles não deveriam comercializar o livro da Civilização como uma aplicação para a "Psicologia de Massa do Fascismo" de Wilhelm Reich. Mas o editor não achou que este fosse um movimento sábio, então este endosso público do Reich não aconteceu. Não há dúvidas de que Elias deve ter se sentido confirmado pelos escritos do Reich em muito do que ele já havia indicado em seus escritos sobre a "Sociologia do Antissemitismo". Elias, vindo do início da sociologia, encontrou nestes escritos psicológicos muito do que ele já havia sentido da perspectiva de seus estudos culturais, mas ainda não havia formulado com precisão, confirmado e esclarecido. Há relatos de Elias sentado durante semanas em um café com um aluno de mestrado de Alfred Adler no exílio, e é muito provável que tenha sido assim que ele se familiarizou melhor com a psicologia de Adler. Seus contatos com psicólogos continuaram ao longo de sua vida. O próprio Elias fez psicanálise e foi um dos pais fundadores da primeira sociedade mundial de psicologia de grupo no início dos anos 50. Deve ser enfatizado que a psicologia nesta época ainda era em grande parte uma ciência de língua alemã - no máximo, os escritos mais importantes desta época foram traduzidos para o inglês, enquanto o discurso

profissional essencial entre Freud, Adler, Wertheimer, Reich, Jung, e assim por diante, foi em alemão. Foi somente com as mudanças políticas de 1933, que forçaram esses estudiosos e seus estudantes ao exílio, que a psicologia se tornou uma ciência de língua inglesa. Como Elias, muitos psicólogos encontraram suas casas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, onde - não de uma só vez, mas ao longo das duas décadas seguintes - eles passaram trabalhar em inglês. O mesmo se aplica à sociologia no que diz respeito à reimportação de Max Weber. Isto aconteceu principalmente por meio de Talcott Parsons, um homem que Elias conheceu já em 1925 em Heidelberg, quando estava terminando seu doutorado com Alfred Weber. De volta aos EUA, Parsons foi formativa influência para a Escola de Harvard e, com isso, cresceu constantemente a recepção Weber. Foi só na década de 1960 que Weber foi redescoberto na Alemanha. Há uma diferença essencial entre Parsons, pois Elias também descobriu os psicólogos e colocou suas pesquisas no contexto da sociologia cultural de Weber. Isto poderia ser feito apenas por alguém como Elias, que conhecia a sociologia de Weber, também dominava o alemão como língua e estava em constante intercâmbio com psicólogos. Ele foi capaz de mediar entre a sociologia cultural, que se preocupava com o nível macro das sociedades como um todo, e a psicologia cultural, que se preocupava com o nível micro dos efeitos sobre o indivíduo. Elias entendeu que ambas as observações eram abordagens ao mesmo objeto que se beneficiavam uma da outra. Assim, ele superou, primeiro, a sociologia decorrente da economia, segundo, a psicologia decorrente da observação do trauma, e terceiro, a filosofia decorrente do idealismo. Ele foi o primeiro a conseguir unir essas três diferentes escolas científicas alemãs em uma teoria unificada da sociedade. Este programa tem sido chamado de sociologia "pós-filosófica" por Richard Kilminster.

Mas o programa de pesquisa é mais do que meramente pós-filosófico. É também uma sociologia "pós-econômica" e uma sociologia "pós-psicológica". E Elias conseguiu integrar muito bem nesta teoria também as escolas de pensamento da França, com as quais ele estava preocupado há muito tempo, e da Grã-Bretanha, onde acabou exilando-se.

Hoje, mais de 80 anos após Elias ter formulado pela primeira vez esta teoria, ela pode ser melhorada e especificada em muitos lugares. A neurociência, por exemplo, tem sido capaz de contribuir com muito mais informações sobre o curso das funções psicológicas. A história cultural agora sabe muito mais sobre a história inicial das sociedades. Ramos de conhecimento surgiram em áreas psicologicamente orientadas da economia, tais como marketing ou recursos humanos, que elucidam a relação do indivíduo com a economia. No entanto, a generalidade da teoria da civilização pouco mudou durante o longo período. Elias criou uma grande síntese que tornou possível unir as ciências que se aproximam da sociedade humana a partir de diferentes pontos de partida. Ele tirou as vendas que os seguidores de um paradigma de pesquisa têm, ou, como ele mesmo gostava de dizer, tirou a "cerca do jardim" entre as diferentes áreas do ensino de ciências para descrever a totalidade do espaço social.

Espero que a conexão entre as origens sociais de Elias na Alemanha, seu envolvimento ainda jovem com a cultura alemã, seu amplo e extenso trabalho como um importante sociólogo tenha se tornado claro. Sua trajetória de vida, que começou com o estudo de grandes pensadores idealistas, foi reinterpretada criticamente como resultado do choque da Primeira Guerra Mundial. Ele perseguiu duas das principais disciplinas científicas da Alemanha da época: a jovem sociologia e a psicologia. Em ambos os campos ele estava na vanguarda, estudando de perto as obras dos autores mais atuais. E ele foi – dos poucos que foram capazes de seguir estes dois campos – aquele que conseguiu escrever uma teoria unificadora no exílio. Que se passaram muitos anos antes que essa teoria fosse descoberta é outra questão. É também porque sua abordagem era muito avançada para aquela época, e não havia uma arena científica na qual uma teoria tão abrangente pudesse ser discutida. Um fórum de língua alemã, antes do qual a

abordagem teria encontrado um público, só se desenvolveu novamente na década de 1960 e então Elias também ficou famoso. Mas é bastante claro que Elias não poderia ter produzido sua teoria única sem um amplo estudo da ciência alemã e sua diversificada pesquisa renomada sobre a sociedade.

Vielen Dank.

Muito obrigado.